

Privacidade e mediação algorítmica do big data no novo regime de informação

Arthur Coelho Bezerra (Orcid nº 0000-0001-5445-6263)

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ)

Vice representante (América Latina e Caribe) do International Center for Information Ethics (ICIE)

Palavras-chave: regime de informação, privacidade, vigilância, mediação algorítmica, dataísmo.

A adoção de práticas de monitoramento e vigilância digital, por parte de governos, empresas e indivíduos, e a organização e mediação algorítmica do big data, atualmente presente em todas as principais plataformas da internet, são exemplos de inovações tecnológicas que, para a entrega dos benefícios que oferecem, impõem restrições à privacidade dos indivíduos, criando mecanismos de exclusão e opressão, fenômeno que chamo de "dialética da liberdade sociotécnica". Atualmente, a filtragem algorítmica de informação é usada nas mais diversas plataformas comerciais, como Facebook, Google, Netflix, Spotify e outras. Essa tecnologia de *microtargeting* é fruto de uma organização da informação que usa princípios de inteligência artificial para coletar dados sobre a navegação dos indivíduos na internet. Os *inputs* que alimentam os algoritmos das citadas empresas são extraídos da navegação dos usuários em suas plataformas ou a partir de navegadores de internet, sistemas operacionais, aplicativos para *smartphone* e outros dispositivos de armazenamento de dados, que permitem a identificação de um gigantesco volume de informações pessoais a partir de dados como localização, hora do acesso, dispositivo usado e tudo que puder ser rastreado considerando as pesquisas, os cliques, o tempo transcorrido entre cada clique e uma infinidade de outros fatores. Posteriormente, todo esse monitoramento alimenta fórmulas matemáticas que, utilizando princípios de inteligência artificial como *machine learning* e *deep learning*, constroem um perfil de preferências de cada usuário, com informações precisas sobre idade, identidade de gênero, hábitos de consumo, orientação política, práticas culturais e esportivas, classe, orientação sexual, participação em grupos sociais e minorias étnicas, dentre outros. Assim, a informação coletada pode server tanto para incluir os economicamente interessantes, oferecendo-lhes oportunidades de compras e serviços, quanto para excluir os indivíduos com baixo valor econômico, negando-lhes empréstimos e oportunidades de emprego e encarecendo seus seguros por conta de seus locais de moradia. A privacidade, tão importante para o individualismo forjado ao longo do período moderno, torna-se refém dos usos das técnicas de vigilância digital.

A perpetuação de desigualdades e as ameaças à privacidade dos usuários da internet revelam a urgência de debates sobre a ética informacional que deve pautar a construção desses algoritmos, bem como a importância da presença da sociedade civil, através de fóruns abertos e participativos ou outras iniciativas de inclusão popular, nos debates que tenham como objetivo um equilíbrio entre a exploração das vantagens trazidas pelas novas tecnologias de organização de big data e a proteção da privacidade, autonomia e liberdade dos indivíduos.